

Sinagoga

Machzikai Hadas

Parashat HaShavua

BESHALACH



Shabat em SP/SP

Velas: 17/01 – 19:38

Saída: 18/01 – 20:35

SHEVAT/5763

Leitura: Chumash Shemot (Êxodo), Capítulos: 13:17 – 17:16

Haftará: Shoftim (Juízes) Asq.: 4:4 – 5:31 / Sef.: 5:1 – 5:31

Shabat Shirá e Tu BiShevat, siga os costumes conforme sua comunidade

Rua Joaquim Murтинho, 43 – Bom Retiro - SP/SP - Brasil / Compilado: Rav Victor Benjoya.

Esta publicação possui palavras de Tora, trate-a com o devido respeito.

Resumo da Parashá

A Parashat HaShavua (porção da leitura da Tora desta semana) é chamada de "Beshalach" – Ao enviar. Esta é a quarta porção do livro de Shemot (Êxodo). Nela é narrada a porção de *Shirá* – o cântico entoado pelo Povo Judeu a D'us pelos milagres presenciados na passagem do mar. Por isso, este Shabat é chamado de forma especial – *Shabat Shirá*.

O Faraó finalmente manda *Bnei Israel* (Filhos de Israel) embora. D'us os guiou pelo caminho do deserto e o Mar Vermelho, ao invés de fazê-los seguir diretamente para a terra dos Filisteus, que seria um caminho mais breve, pois aí logo encontrariam uma guerra e talvez temeriam e desejariam retornar ao Egito.

Os ossos de Iossef e de seus irmãos são levados pelo *Bnei Israel*, como prometido. D'us guia o povo no deserto, durante o dia através de uma nuvem, e durante a noite por uma coluna de fogo.

O Faraó se arrepende da perda de tantos escravos e persegue os Judeus com seu exército através do deserto. O povo de Israel encontra-se encurralado entre os egípcios e o mar.

No desespero, clamam a D'us e criticam Moshe por tê-los tirado do Egito. Moshe reza a D'us, que o instrui que fenda o mar com sua vara. Ao fazê-lo, o mar se partiu em dois, deixando um caminho seco, entre duas muralhas de água.

Quando Israel encontrava-se em solo firme, D'us ordenou a Moshe que novamente colocasse seu cajado no mar, e com isso o fechou novamente, aniquilando os egípcios que seguiam Israel através dele.

Como agradecimento ao milagre da partida do Mar Vermelho, Israel cantam um cântico a D'us: o chamado "cântico do mar" (*Shirá Yam*) descreve a grandeza do milagre e louva a D'us. Miriam, a profetiza, reúne as mulheres, que agradecem a D'us com adufes e danças.

Após viajarem por três dias, *Bnei Israel* chega a

Mará, onde não é possível beber das águas amargas (*marim*). O povo queixa-se, e D'us instrui Moshe a lançar uma árvore nas águas, milagrosamente adoçando-as. Em Mara eles recebem certas *mitzvot* – como se preparar para receber a Tora com as leis de Shabat.

Em *Sin*, o povo novamente reclama, alegando que no Egito comiam panelas de carne e fartavam-se de pão, e no deserto estavam famintos. Naquela tarde, codornizes cobriram o acampamento, e na manhã seguinte, uma camada de orvalho estendeu-se ao redor do acampamento, sob o qual havia a *maná*.

A cada dia deveria recolher-se uma quantia de *maná*, e uma porção adicional na sexta feira, para ser guardada para o *Shabat*. Se recolhessem além da quantia determinada, o restante era tomado por vermes na manhã seguinte. No sétimo dia – *Shabat* – isto não ocorria.

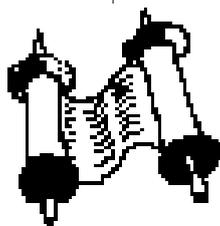
Aharon toma um vaso e armazena nele um pouco de *maná*, a fim de servir como

testemunho para as gerações futuras.

Em *Refidim*, o povo novamente queixa-se da falta de água. D'us diz a Moshe que golpeie uma rocha com sua vara, para fazer que a água jorre da pedra.

No final da parashá, ocorre a guerra contra Amalek. Moshe sobe a montanha com dois ajudantes, Aharon e Chur para orar pelo povo e Ieoshua, o servo de Moshe, comanda o exército.

Quando Moshe levanta suas mãos, o povo de Israel se fortalecia sobre o inimigo. Israel vence a batalha, e D'us proclama uma guerra eterna contra o povo de Amalek.



Mensagem da Parashá

Em Frente!

"E D'us falou para Moshe: 'Por que você está Me chamando? Fala aos Filhos de Israel que eles vão em frente.'" (Êxodo, 14:15)

Conforme o comentário intitulado *Mechilta*, enquanto estavam parados em frente ao mar, o *Bnei Israel* se dividiu em quatro grupos. Uma facção disse: "Vamos nos jogar no mar". Uma segunda

disse: "Vamos voltar ao Egito". Uma terceira disse: "Vamos lutar contra os Egípcios". Uma quarta disse: "Vamos rezar para D'us".

Então Moshe disse ao povo: "Não temam, aguardem e vejam a salvação de D'us, a qual Ele lhes mostrará hoje. Pois, assim como vocês viram o Egito hoje, vocês nunca mais o voltarão a ver. D'us lutará por vocês, e vocês ficarão em silêncio." (Êxodo, 14:13-14).

Pois o Lubavitcher Rebe tece o seguinte comentário sobre esse assunto:

Essas 'quatro facções' representam quatro reações possíveis a uma situação em que alguém, que recebeu uma missão ordenada divinamente para sua vida, está sendo desafiado pela realidade prevalecedora.

Uma reação possível é: "Vamos nos jogar no mar". Ou seja, vamos nos submergir dentro das águas da Tora; vamos nos fundir dentro "das águas do Talmud", o mar da piedade, o mar da vida religiosa. Vamos criar a nossa própria comunidade fechada, protegendo a nós e aos nossos do mundo sem D'us lá de fora.

Porém, a reação "Vamos voltar ao Egito" está no extremo oposto. Ou seja, vamos aceitar a "realidade", que é o Faraó que detém o poder no mundo real.. Nós faremos o que pudermos sob tais circunstâncias, para fazer o que D'us deseja de nós, porém é fútil imaginar que possamos resistir, muito menos mudanças e esse é o caminho que as coisas vão.

A terceira reação é "Vamos fazer a guerra contra eles", ou seja, assumirmos um estágio de confrontação contra a realidade hostil, batalhando pelo mundo "não-Divino" a despeito de tudo o mais.

A quarta reação esta dita da seguinte maneira: É errado abandonar o mundo, é errado sucumbir a ele e é errado lutar com ele. E a resposta consiste de que se deve tratar com ele em um nível completamente espiritualizado. Uma

simples reza pode conseguir mais que o mais garantido seguro, o mais hábil diplomata ou o mais poderoso exército.



D'us rejeitou todas as quatro abordagens. Enquanto cada uma delas têm seu próprio tempo e local (é importante criar santuários invioláveis de santidade em um mundo material; é necessário também apreciar a natureza da realidade que prevalece e negociar com ela em seus próprios termos; é necessário também travar uma guerra completa contra o mal exterior; e é importante que reconhecer que alguém não pode fazê-lo sozinho e apelar a D'us por socorro) – nenhuma delas é a visão para guiar nossas vidas e definir nossa relação com o mundo que habitamos.

E mais, quando os judeus estavam a caminho do Sinai e foram confrontados com um mundo hostil e indiferente, sua resposta mais básica deve ter sido *ir em frente*.

Não que se escape da realidade, não que se submeta a ela, não que se trave guerra contra ela, não que se negocie com ela somente em um nível espiritual, mas que vamos em frente. Façamos uma nova *mitzvá*, acendamos uma outra alma, trilhemos mais um passo em direção de nosso objetivo.

E quando você seguir em frente, você verá que insuperáveis barreiras serão superadas e ameaças sinistras se desvanecerão. Você verá que a realidade que prevalece não é tão real após tudo isso, e que você pode isso através de sua própria força no sentido de alcançar seu objetivo.

Até mesmo se você precisar abrir alguns oceanos para isso.

Lubavitcher Rebe

Haftará

O Pacificador

Assim como o assunto da Parashá desta semana é a Canção do Mar, o tema da Haftará é a Canção da Profetisa Devora. Ambas, a Parashá e a Haftará, demonstram a santidade da mulher Judia.

No Egito, Iocheved e Miriam foram imprescindíveis ao salvar Moshe, o agente da redenção. Após a travessia do mar, as mulheres Judias, lideradas por Miriam, queriam expressar sua confiança total em D'us com sua canção de agradecimento.

Na época de Devora, o Povo Judeu havia esquecido sua missão. Eles se casaram com Cananitas e serviram seus deuses.

Como resultado disso, D'us decretou que eles deveriam sofrer. Parte do sofrimento foi através do cruel general Cananita chamado Cícero, literalmente "O Pacificador" ou "O Silenciador".

Conseqüentemente nessa situação extrema, o Povo Judeu dirigiu seus corações para D'us.

Na Canção da profetisa Devora, nós vemos uma mudança devido à conscientização e purificação através do sofrimento.

Graças ao inesquecível mérito de uma mulher inspirada pelo Espírito de D'us, com entusiasmo e palavras ardorosas, ela acionou a coragem e despertou a capacidade do Povo Judeu.

Não foi a espada de Barak, mas o espírito de Devora que causou a vitória.

adaptado do Rabino Mendel Hirsch no Art Scroll Chumash



Histórias Chassídicas

Solo

"Então Moshe e os filhos de Israel cantarão" (Êxodo, 15:1)

O Midrash explica que assim como Moshe errou com a expressão "me-az" - "desde quando" - da mesma forma com a palavra "az" Moshe retificou seu erro.

Depois que eles emergiram da abertura do mar, o Povo Judeu ficou na margem. Diante deles

estava o poderoso exército Egípcio, espalhados pela praia como soldados de brinquedo

quebrados. Todos os homens e mulheres, do mais extraordinário até o mais humilde, alcançaram um nível de entendimento do funcionamento do mundo que jamais será repetido.

Essa percepção levou Moshe e o Povo Judeu a cantarem. A música no pensamento Judaico representa a habilidade de harmonizar todos os diferentes eventos mundiais relacionando-os ao D'us Único - *Hashem Echad*.

Shabat e Maná

"No Shabat, alguns do povo saíram para colher maná e não encontraram nenhuma." (Êxodo, 16:27)

Nossos Sábios levantam uma questão na linguagem que este *passuk*, versículo, foi escrito: "A palavra "*matza'u*" - "encontrar" - é usada, no hebraico, com respeito a encontrar objetos perdidos. Desde que nenhuma *maná* "foi perdida", o texto deveria ter sido escrito "*velo haya*" - "e não havia nenhuma"?"

E a resposta a essa questão é que Moshe falou ao Bnei Israel que na Sexta-feira, eles deveriam recolher duas porções de *maná*, uma para a sexta e outra para Shabat, pois no Shabat não seria entregue nenhuma *maná*.

Porém, os infames Datan e Aviram, os mesmos que denunciaram Moshe no Egito por ter matado, imaginaram que aqui teriam uma boa oportunidade de "provar" ao povo a "desonestidade" de Moshe.

Pássaros e Kasha (Trigo Sarraceno)

Surge-nos uma pergunta, de onde surgiu o costume de alimentarmos os pássaros na Sinagoga na tarde de *Shabat Shirá*?

A resposta é que em *Shabat Shirá*, quando nós lemos sobre a *maná* que D'us proveu para Bnei Israel, é costume colocar comida para os pássaros na tarde de Shabat como recompensa pelo Kidush Hashem que eles fizeram.

Alternativamente, podemos contar que o Maharal de Praga costumava instruir os rebes das crianças pequenas a reuni-las no pátio da Sinagoga na tarde de *Shabat Shirá* e relatar a elas a história do *Kiriat Yam Suf* - da abertura do mar vermelho.

Eles também contavam às crianças que D'us fez um milagre e belas árvores frutíferas cresceram no meio do mar (veja *Midrash Raba 22:1*). E que quando o Bnei Israel cantou a *Shirá*, os pássaros cantaram e dançaram. E as crianças pequenas pegaram frutas da árvores e alimentaram aos pássaros.

O Maharal comentava que, alias, essa é mais uma das razões por que comemoramos esse

Tu BiShevat - 15 de Shevat

Qual a verdadeira história de Tu BiShevat - 15 de Shevat? A essa pergunta, podemos encontrar uma série de respostas, portanto, tentaremos trazer uma luz sobre está data.

Em primeiro lugar, onde está a origem desta "festa"? Segundo o Talmud Bavli - Tratado de Rosh HaShaná - em sua primeira *Mishná* nos enumera os quatro anos novos que o calendário judaico deve observar - sendo um deles o das árvores e lá há uma discussão sobre que dia era essa data!

A discussão estava se realizando entre Bet Shamai - em 1 de Shevat - e Bet Hilel - em 15 de Shevat. A halachá ficou como Bet Hilel e uma

"Então Moshe e os filhos de Israel cantaram uma música".

Essa música é parte das preces que falamos diariamente. Isso serve para nos lembrar que, até mesmo quando parece que o caos está conduzindo a orquestra e a vida, D'us é Aquele que controla os eventos sem comparação a outro maestro.

Se escutarmos cuidadosamente, perceberemos que tudo na Criação canta junto em um sublime concerto.



Na Sexta à noite, conta o Midrash, eles saíram e levaram uma porção de *maná* para o campo, aonde se recebia *maná* costumeiramente. Sua intenção era de "convidar os amigos" no Shabat pela manhã e encontrar *maná* que veio do céu...

Os pássaros, que acompanhavam o Bnei Israel, escutaram a trama e comeram a *maná* assim que ela foi colocada. Conseqüentemente, quando Datam, Aviram e seus compradas vieram para o campo: eles não encontraram nenhuma *maná*!

Shabat Shirá dando alimento aos pássaros nessa tarde de Shabat.

Então, os professores davam *kasha*, para ser jogado aos pássaros. Após, o Maharal costumava abençoar as crianças e também aos pais, que eles merecessem ver suas crianças entrar na Tora, na *Chupá* e em *Massim Tovim* (bons atos).

Porém, há aqueles que costumam comer o *kasha* em *Shabat Shirá*. Esse costume está baseado no *passuk*: "*Hasam gevuleich shalom cheilev chitim yasbi'eich*" - "Ele tem feito paz dentro de tuas fronteiras; Ele te saciou com o melhor do trigo" (*Salmos, 147:14*).

Então, em *Shabat Shirá*, quando lemos que D'us emancipou o Povo Judeu da escravidão de *Mitzraim*, do Egito, e nos preparou para estar em nossas próprias fronteiras e nas fronteiras da Tora, é costume comer trigo (*kasha*). Eis que a palavra "*beshalach*" é um acrônimo para as seguintes palavras: "**BeShabat Shirá Le'echol Chitim**" - "No *Shabat Shirá* comer trigo (*Kasha*)".

das explicações que podemos dar é que o ano novo das árvores ficou nessa data devido ao fato de que, segundo os Sábios, em Rosh Chodesh Shevat acabaram as águas antigas, porém, o *mazal* das águas e sua influência definitiva fica decido em 15 de Shevat.

E a isto se agregue a afirmação da *guemará*, Talmud Bavli - Rosh HaShaná em 14b - que afirma que a quatro dias de juízo: para o homem - *Rosh HaShaná* em 1 de Tishrei, para as

águas – *Sucot*, para a colheita – *Pessach* e para os frutos – *Shavuot*.

Ora, até aqui entendemos que em 15 de Shevat, conforme explica *Rashi*, a maioria das chuvas já caiu e o frio do inverno começa a enfraquecer, dando oportunidade para o *mazal* da água decidido, potencialmente em *Sucot*, comece a aparecer. Porém, aonde encontramos uma prova de que de fato a data era mais que um costume legal sobre leis de colheitas e dizimos para sacerdotes, levitas e pobres?

Então, encontramos no *Tanach* a afirmação em Juízes, 21:19-21, sobre: "É agora a festa de D'us, a que se celebra todos os anos em Shiló (...) quando as moças de Shiló saíam a cantar em coro..." e segundo o Talmud, isto se referia a uma data em que as moças saíam a dançar no dia em que o sol começava a crescer. Da mesma forma que em Tu BeAv ficou a lembrança do fim do cortar a lenha para o altar do Templo e as filhas de Israel saíam para dançar ao redor dos muros de Jerusalém.

Porém, a *guemará* trás que esta data e sua "coirmã" de Tu BeAv foram esquecidas e os costumes que temos hoje dependem da comunidade de cada um.

Cozinha Casher

Bolo de Laranja no Liquidificador

Ingredientes - massa

- 1 laranja madura com casca, cortada em oito pedaços (retire apenas as sementes)
- 1 colher (sopa) de rum branco
- 2 xícaras (chá) de açúcar
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) de fermento em pó

Preparo

Bata no liquidificador todos os ingredientes da massa, exceto a farinha e o fermento. Coloque numa vasilha e acrescente a farinha e o fermento. Mexa levemente até misturar bem. Coloque em fôrma com buraco no meio, untada e enfarinhada. Asse em forno médio (180°C), pré-aquecido. Depois de assado, desenforme e faça alguns furos com um garfo.

Para a calda, ferva por alguns minutos o suco de laranja adoçado, até perceber uma certa transparência. Junte o rum e apague o fogo. Umedeça bem o bolo com a calda ainda quente.

Rendimento: Variado

Palavras do Rebe

Quem Tudo Quer

Um mercador de cereais reclamou ao Rebe de Talna que corria o risco de perder uma grande quantia em dinheiro. Deixara de colocar muito cereal no mercado no ano anterior, calculando que o preço subiria, mas neste ano houvera uma colheita abundante e o preço caíra vertiginosamente.

"Por que então não vendeu o cereal do ano passado?" - perguntou o Rebe.

"Porque no ano passado houve uma seca" - respondeu pesarosamente - "e o preço do grão estava alto. Havia a previsão de uma outra seca, por isso segurei o cereal, esperando vendê-lo a um preço ainda maior. Entretanto, este ano choveu muito, e o preço do grão caiu. Poderia tê-lo vendido a preço muito mais alto no ano passado" - lamentou ele.

"Não precisa se preocupar" - confortou-o o Rebe, observando seu remorso. "Na prece de *Shabat* dizemos: 'Tu nos nutriste em época de escassez e nos fornecestes satisfação em época de fartura.' Em outras palavras, o mesmo D'us que cuida dos pobres durante os anos de seca também tomará conta dos ricos em um ano de abundância."

Dúvidas e/ou Sugestões, entre em contato conosco pelo E-mail: machzikaihadas@hotmail.com

S H A B A T S H A L O M

Há vários costumes, desde aqueles que fazem comer frutas da terra de Israel, além de algum *Shehechianu* – costume mínimo, até aqueles que instituíram um Seder completo com 15, 30, 100 ou mais frutas.

Aliás, o costume do Seder relembra o início do reflorescer e, segundo os Cabalistas, toma-se quatro copos de vinho e come-se de três tipos de frutas, em comparação aos três mundos de "BIA".

As frutas forçosamente contemplam os sete tipos de frutas da terra de Israel e o Seder pode ser encontrado descrito no *Sefer Pri Etz Hadar* do Rabi Chaim Vital e comentários sobre seus costumes pode ser visto no *Sefer Chemdat Yamim*, por Rabi Biniamim HaLevi, sec. XVII e.c..

Como ponto curioso, podemos dizer que: a fruta da figueira, segundo um *Midrash*, poderia ter sido a fruta da árvore do bem e do mal; é nosso costume comer das frutas da terra de Israel e dos quatro tipos em geral: com caroço, com casca, com ambos e sem ambos; que segundo a tradição, neste dia se decide à natureza dos *Etroguim* para o próximo *Sucot*, havia até quem rezasse para ter um bom *etrog*...

A todos um Bom Ano Novo das Árvores com muitas frutas e alegria.



- 3 ovos inteiros
- 1 xícara (chá) de óleo

calda

- suco de 4 ou 5 laranjas bem adoçado
- 1 cálice (licor) de rum branco

